

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JULIANE DAIANE LIMA DE ANGELIS

WAKANDA FOREVER
REPRESENTAÇÕES DE NEGROS NA GRANDE MÍDIA SOB A PERSPECTIVA DO
FILME PANTERA NEGRA



SÃO LEOPOLDO, 2020

JULIANE DAIANE LIMA DE ANGELIS

WAKANDA FOREVER
REPRESENTAÇÕES DE NEGROS NA GRANDE MÍDIA SOB A PERSPECTIVA DO
FILME PANTERA NEGRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História, pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.
Orientador: Prof. Dr. Paulo Staudt Moreira

SÃO LEOPOLDO, 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu caro malungo, orientador Paulo Staudt Moreira, que acreditou na potencialidade do meu trabalho e acompanhou cada pequeno avanço meu e da pesquisa.

Agradeço aos meus pais, que me incentivaram, e que por vezes tiveram que desistir dos próprios sonhos para tornar o meu possível.

Ao meu marido, que esteve comigo durante todo o percurso, responsável por me manter otimista em frente aos muitos percalços.

Aos meus amigos, colegas e professores que contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho se realizasse.

Por fim, agradeço ao professor Edmar Galiza, meu único professor negro em toda a jornada acadêmica, cada linha deste trabalho tem a tua influência e a tua cor.

Jogue-me no oceano com meus antepassados que pularam dos navios, porque sabiam que a morte era melhor do que a escravidão.

(Killmonger / N'Jadaka)

RESUMO

A história dos negros nos livros didáticos ainda é permeada por estereótipos, tanto no âmbito nacional quanto internacional. E a mídia seguiu no mesmo esquecimento ou distorção, degradando a figura do negro e disseminando representações negativas sobre a África. Os anos de escravidão contribuíram de forma significativa para a construção de um discurso racista no imaginário social, discurso este que limita a inserção desses sujeitos na sociedade. Comumente vemos filmes, séries e novelas as quais, em sua grande maioria, dão destaque para protagonistas brancos. A não participação de negros ou a inferiorização dos mesmos diante da mídia é resultado de uma exclusão social que perdura por séculos. Este trabalho tem o objetivo de analisar as representações de negros na grande mídia, verificando o papel que ela exerce sobre a sociedade. O estudo abordará a ausência da história da África no que diz respeito ao ensino escolar, e a escravidão na América, em especial no Brasil. Entender de que modo esses acontecimentos exerceram influência sobre a formação cultural do nosso país, para somente em seguida incluir como são formados as identidades e os estereótipos. O filme Pantera Negra servirá como base para a análise, uma vez que este é considerado um marco na indústria cinematográfica no que diz respeito à representatividade negra. As fontes utilizadas para análise serão as entrevistas feitas com o elenco do filme pelo programa Fantástico, da Rede Globo, bem como fragmentos considerados relevantes da própria produção e reportagens de veículos de notícia. Verificaremos então o quão necessário tem sido a quebra do discurso racista no imaginário social, e que o filme Pantera Negra é um grande passo em direção a criação de novas identidades e representações negras.

Palavras-Chave: Pantera Negra. Representações sobre o negro. Histórias em quadrinhos. Cinema.

SUMÁRIO

1 - Introdução	7
2 - As Garras da Representatividade	12
2.1 - Uma nova cor para os quadrinhos	15
2.2 – Pantera Negra	17
2.2.1 Trilha sonora	18
2.2.2 Figurino -	18
2.2.3 Língua	19
3 – Feminismo Negro e as Mulheres em Wakanda	20
3.1 Shuri -	23
3.2 General Okoye	24
3.3 Nakia	25
3.4 Ramonda	25
3.5 Dora Milaje	26
3.6 Procuram-se bonecas pretas	27
4 – Um Quilombo em Wakanda	31
4.1 África explorada	33
4.2 Mitos e cultura africana	35
4.3 Marcas do colonialismo	36
4.4 Afrofuturismo	37
Conclusão	39
Referências.	41

1 INTRODUÇÃO

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.

(Mandela)

Cabelos lisos, olhos claros, traços magérrimos, pele branca... Quanto mais próximos estivermos do padrão eurocêntrico de beleza, mais bonitas (os) seremos considerados. Isso soa como um absurdo, mas essa simples caracterização perdurou por séculos e foi responsável pela destruição ou da fragilização da autoestima negra. Uma vez que este era o padrão comumente aceito como o melhor, associado a inteligência e a elegância, o negro, com o seu cabelo afro, os lábios grossos, eram escandalosamente relacionados à pobreza, violência, malandragem. A mídia por sua vez refletiu e replicou esse sentimento de autodesvalorização nos negros, criando assim uma lacuna entre a representação de negros e a representatividade negra.

Note, portanto, que quando falamos em representação – dando ênfase as imagens veiculadas pelas mídias - estamos nos referindo a um aglomerado de ideias, eventos, pressupostos, que se assumem como uma forma de conhecimento de senso comum, ou seja, não se trata do que você é, mas o que a sociedade racista elegeu como padrões de comportamento e ideais de beleza *naturais*. Enquanto a representação busca de uma forma, podemos dizer até fictícia, retratar o outro, a representatividade propõe uma perfeita tradução do mesmo, de modo a coincidir com a realidade.

[...] A representação era sobre um grande teatro. A representatividade é sobre uma grande verdade. [...] Representatividade é sobre transparência, legitimidade, inclusão, diversidade, inovação: substantivos que não são sinônimos, mas que traduzem em comum os valores de uma nova ética e estética de marca. (David Laloum, 2016)

A demanda por representatividade e a luta por igualdade social vêm aos poucos preenchendo as lacunas, ao longo de décadas de luta antirracista, contra a exclusão social e todos os níveis. E, é em resposta a essa pauta e objeto deste trabalho que o filme Pantera Negra surge, derrubando estereótipos e rompendo com a visão pejorativa que permeia o continente africano, retratando as populações negras em um contexto ricamente elaborado. O

filme, muito embora se trate de uma obra de ficção, retrata a África em toda a sua grandiosidade, enaltecendo com orgulho a cultura africana. Todos os aspectos culturais, ritualísticos, a ancestralidade, o vestuário, bem como a língua e as riquezas naturais do continente são de encher os olhos de qualquer pessoa que assista.

Lançado em 2018, o filme *Pantera Negra* é uma adaptação da série de quadrinhos de mesmo nome, e retrata nada menos que o primeiro herói negro de origem africana no universo dos super-heróis. Com uma estreia cheia de elogios e recordes de bilheteria, *Pantera Negra* atualmente é a 5ª maior bilheteria da história dos EUA, indicado a sete categorias do Oscar, recebendo o prêmio em três delas, Melhor Trilha Sonora Original, Melhor Figurino e Melhor Direção de Arte.

A história se passa na nação fictícia de Wakanda, altamente tecnológica e isolada do resto do mundo, que vista de fora nada mais é que uma região pobre e precária. O filme conta a história do príncipe T'Challa e sua ascensão ao trono real, uma vez que seu pai T'Chaka foi morto em um atentado em *Capitão América-Guerra Civil*, que marcou a primeira aparição do herói nas telonas¹. Os poderes do herói são adquiridos por meio da chamada Erva-Coração, uma planta encontrada somente em Wakanda, e embora o título de *Pantera Negra* seja passado de pai para filho, o herdeiro deve se mostrar merecedor de tal dignidade, participando de um duelo.

O elenco do filme é majoritariamente negro, cerca de 95%, e conta com grandes nomes como Chadwick Boseman, Michael B. Jordan, Lupita Nyong'o e Danai Gurira, entre muitos outros. Além de contar com um elenco fortíssimo, há um grande investimento na participação feminina do filme, uma vez que a guarda real que protege o rei é toda feminina, a Dora Milaje, um grupo de mulheres guerreiras altamente qualificadas.

A narrativa de *Pantera Negra* é cheia de mensagens que reforçam o empoderamento negro, o orgulho de pertencimento e do ser negro. A forma como a nação de Wakanda mostra desprezo a submissão branca, os rituais que apesar de tanta tecnologia permanecem intocáveis, a maneira como lutam para proteger o Vibranium (metal tradicional de Wakanda capaz de absorver energia) e fidelidade dos povos uns com os outros, só demonstra ainda mais a valorização da cultura negra.

Assim como no cinema, nos quadrinhos também havia uma lacuna a ser preenchida, e embora as histórias em quadrinhos venham trazendo personagens negros desde suas origens,

¹Capitão América – Guerra Civil foi lançado em 2016. O filme foi produzido pela Marvel Studios e distribuído pelos estúdios Walt Disney. <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2019/09/um-dos-times-de-capitao-america-guerra-civil-foi-praticamente-dizimado-no-mcu> - acessado em 14.10.2019

estes não possuíam papéis de destaque. Na maioria das vezes eram coadjuvantes, personagens com inteligência ou índole duvidosa, vilões ou com teor cômico. Os personagens negros começaram a ganhar o merecido destaque somente em 1960 com o gênero de superaventura que conversava com a realidade racista e as lutas diárias vividas pelos negros nos EUA.

Em 1966, temos o lançamento do primeiro super-herói negro-africano nos quadrinhos da Marvel, o Pantera Negra, criado por Stan Lee e Jack Kirby, com sua estreia na revista *Fantastic Four 52* (WESCHENFELDER, 2013; BRAGA Júnior, 2013). Ao pensarem o herói, estes autores trouxeram um olhar que ambos tinham acerca da África em 1960, período marcado pela segregação e luta pelos direitos civis dos negros. Na década de 60 a luta do negro norte-americano tomava forma, o período fora marcado pelo surgimento de grandes líderes, tais como Martin Luther King e Malcom X, que visavam combater o racismo e a opressão, uma vez que movimentos como a Ku Klux Kan aterroriza a população afro-americana.

Foi somente nos anos 1960 que personagens negros obtiveram um destaque mais respeitoso, inicialmente com o membro da *Howling Commandos* do Sargento Fury, Gabe Jones, em 1963, e, em seguida, com o emblemático Pantera Negra, personagem da *Marvel Comics* criado por Stan Lee e Jack Kirby. O Pantera Negra é o primeiro super-herói negro a ganhar destaque dentro desse gênero literário de quadrinhos de super-heróis, não sendo compreendido o primeiro super-herói negro na história dos quadrinhos. Sua primeira aparição foi na revista *Fantastic Four*, da editora Marvel, em julho de 1966, curiosamente três meses antes da fundação oficial do Partido dos Panteras Negras (*Black Panther party*), movimento étnico-político de luta pela igualdade na América do Norte. O surgimento desse personagem no ano de 1966, por criativos criadores nova-iorquinos, provavelmente evidencia que a movimentação do Partido dos Panteras Negras – mesmo que sua fundação oficial tenha sido na Califórnia, isto é, do outro lado do país – já era inegavelmente significativo antes de sua oficialização nos meios legais dentro do corpo político dos Estados Unidos de então, principalmente, na cidade de Nova York. O patrulhamento de subúrbios contra a violência policial já espalhara seu nome, “Panteras Negras”, antes mesmo de outubro de 1966 (LIMA, 2013, p. 91)

O Movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos compreende o período de 1954 a 1980, marcado por rebeliões populares e movimentos em prol de direito iguais a todos, independentemente de cor ou religião. Mas é na metade década de 60 que se aumenta o clamor pelo fim do racismo, com o surgimento do movimento dos Panteras Negras, que armava a população negra em combate aos brancos racistas. O Partido dos Panteras Negras pela Autodefesa é conhecido como a maior organização negra revolucionária que já existiu (CHAVES, 2015).

Não é de se estranhar que muitos acreditem que Stan Lee e Jack Kirby teriam se inspirado no Partido dos Panteras Negras para a criação do aclamado Pantera Negra, mas a verdade é que tudo indica que o que aconteceu foi exatamente o contrário, o Partido teria se inspirado no herói, já que a HQ teria surgido em julho de 1966, enquanto que a organização teria sido em outubro do mesmo ano. Apesar de que, conforme destaca a citação acima, o movimento negro dos Panteras Negras já agia antes da sua oficialização, promovendo rondas que visavam a proteção das comunidades negras, dos ataques racistas, inclusive da polícia.

A presente pesquisa investiga como o filme Pantera Negra impulsiona a discussão sobre representatividade negra, compreendendo sua importância como um filme de elenco majoritariamente negro e que enaltece totalmente e positivamente a cultura africana. Analisando a produção cinematográfica sobre os conceitos metodológicos da História Cultural, que propõe um olhar para a cultura popular, bem como suas interpretações e representação de determinada cultura, no caso aqui, a africana, tais como língua, tradições e religião. Usando também como suporte para análise apoio bibliográfico sobre feminismo negro e representações e representatividade, bem como alguns recortes do filme e reportagens.

O texto se estruturará em três capítulos, o primeiro - As Garras da Representatividade - deles tratará de representações e representatividade negra nas histórias em quadrinhos, fazendo o levantamento de um debate acerca da precária representação institucional, problema este que afeta não somente a comunidade negra, como outros muitos grupos minoritários. Por meio disto, trataremos da mídia propriamente dita como peça fundamental na transformação da sociedade, no que diz respeito as representações da figura do negro

O segundo capítulo - Feminismo Negro e as Mulheres em Wakanda - versará sobre representações e representatividade a respeito do gênero e do feminino em Wakanda, com foco para as representações do feminino negro no filme Pantera Negra, percebendo como os personagens são ali construídos, que papéis sociais e políticos assumem e o que isso nos impacta em termos de representatividade de gênero e raça.

E, por fim, trataremos no último capítulo sobre as representações da África no filme Pantera Negra, aqui contemplaremos os diálogos provocados pelo filme com as imagens da África ainda vigentes. Oscilando entre a invisibilidade e o estereótipo, as imagens sobre a África mudaram ao longo do tempo, percebemos que o filme dialoga com essas representações, cruzando propostas vinculadas ao tradicional e ao moderno. Além disso, o filme vincula as experiências afro-diaspóricas e daí possamos entender um reino africano

liderado por uma liderança que ostenta uma homenagem a um grupo de relevante participação na luta pelos direitos sociais nos EUA.

2 AS GARRAS DA REPRESENTATIVIDADE

Eu adoro a minha pele preta e meu cabelo rústico. Se é que existem reencarnações, eu quero voltar sempre preta.

(Jesus)

Ao analisar alguns artefatos expostos no museu britânico, Killmonger questiona a curadora, que não se afastava desde o momento de sua chegada, acerca da origem de cada um dos objetos, embora na realidade ele soubesse muito bem. A curadora, considerada especialista no assunto responde com exatidão a cada peça apontada, com exceção da última. Ao afirmar ser um artefato de Benim do século sétimo, é contradita por Killmonger, que diz que de fato o objeto havia sido pego pelos britânicos em Benim, mas que pertencia à Wakanda e era feito de Vibranium. A conversa ganha um tom mais pesado quando o mesmo conclui que não há o menor problema nisso, e que ao levar o objeto para casa tudo estaria resolvido. Não houve uma resposta ensaiada para isso. Em tom alterado a curadora afirma que tais itens não serão vendidos.

“Como você acha que seus ancestrais conseguiram os objetos? Acha que pagaram um preço justo? Ou que eles tiraram de nós, como tiram tudo o que querem?”. A fala que se seguiu traz implicações acerca da colonização e da violência imposta pelos colonizadores ao continente africano. O artefato foi roubado após a curadora ter um final trágico de envenenamento e os seguranças serem mortos pelos “vilões”.

Tratamos aqui de uma daquelas cenas épicas, que de subliminar não tem nada, não importa aqui se Wakanda existe ou não de fato, porque como se não fosse suficiente todo o simbolismo presente no filme, a cena que antecede é apenas uma dentre as muitas que fazem o espectador prender o fôlego e refletir sobre a luta do povo africano. Luta esta que perdura por séculos, e que muito sofridamente tem resultado na conquista de seus devidos espaços. Mas se Pantera Negra é considerado um marco na indústria cinematográfica, se demonstra um grande avanço no que diz respeito a representatividade negra, e se ainda hoje problematizamos a falta de mais personagens como T’Challa, quais são as origens dessa precária representação institucional?

De fato, a indústria cultural midiática, seja ela nacional ou internacional, ainda mostra certa resistência à ideia de ter um negro com o papel de protagonista, por isso tais personagens são configurados geralmente em papéis que acabam por criar uma visão

completamente errônea da cultura negra. O negro da favela, a empregada doméstica, o traficante, e como se já não bastasse o problema de estereotipação e precariedade, há o problema de auto aceitação da própria população negra, que não se sente representada, que se negam a se parecerem ou se questionam se não se parecem com os ditos dos personagens.

No cotidiano, o negro vai enfrentar o seu universo, forjado e imposto. Ele não permanecerá indiferente. Por pressão psicológica, acaba-se reconhecendo-se num arremedo detestado, porém convertido em sinal familiar. A acusação perturba, tanto mais porque admira e teme seu poderoso acusador. Perguntar-se á, afinal, se o colonizador não tem um pouco de razão. (Munanga, 2009, p. 37).

A população negra encontra sérios problemas de identificação, uma vez que as representações disponíveis não são palpáveis, fazendo com que o negro seja obrigado a participar de uma realidade completamente ficcionada e forjada pelo branco colonizador. O período escravocrata ainda reflete e muito na forma como os negros se enxergam, pois, veja bem, a única certeza que têm sobre seus antepassados e suas origens é a escravidão. Por isso a dificuldade dos negros em estabelecer uma identidade própria, uma identidade positiva e negra, já que desde a primeira infância tem os seus traços negados. O negro é o negativo e o branco o positivo. A consequência disso? Um embranquecimento da cultura negra, o negativo tenta a todo custo se tornar um positivo.

Em função desse passado histórico, marcado pela desumanização que, como consequência, constitui um obstáculo à construção da sua subjetividade, o negro tem no seu processo, o desafio de tornar-se indivíduo, sujeito protagonista de sua história. Embora haja um processo efetivo em o negro buscar constituir-se como tal, esse processo é conturbado, esbarrando em inúmeras dificuldades; esse passado histórico é constitutivo desse processo. (BARRETO; CECCARELLI; LOBO, 2017 p.4)

No contexto socio histórico brasileiro cujo ideal é ser branco, resta ao negro negar as suas origens africanas e branquear-se. Por que uma vez que somos resultado de tudo aquilo que consumimos, de tudo que vemos e ouvimos, e uma vez que nossa identidade é construída com base em tudo isso, quais são as chances de que uma pessoa negra declare “sim, eu sou negra” quando temos referências tão vergonhosas? Tratando de construção de identidade, Adam Kuper afirma:

[...] identidade não é apenas um assunto pessoal. Ela precisa ser vivida no mundo, num diálogo com outros. Segundo os construcionistas, é nesse diálogo que a identidade é formada. Mas, não é dessa maneira que ela é vivenciada. De um ponto de vista subjetivo, a identidade é descoberta dentro da própria pessoa, e implica identidade com outros. O eu interior descobre

seu lugar no mundo ao participar da identidade de uma coletividade. (2002, p.298).

A falta de identificação deve-se às representações pejorativas, exclusões e “ficções” que seguiram sendo reproduzidas, e em uma sociedade comandada pela mídia, as mídias de massa acabam sendo as responsáveis por essa propagação. Mídias que ao longo dos anos nos falaram de determinismo racial, colocando a população negra na base de uma pirâmide imaginária. Mídias que instituíram o termo raça como se a espécie humana pudesse ser subdividida. Mídias ainda que nos trouxeram comercial de sabonete que prometia “branquear” quem o usasse. Esqueceu-se a escravidão e as cores dela, e inventou-se um mundo monótono e branco. Os escravizados foram libertos, mas nunca foram de fato livres. É inegável que a mídia corrobora com a forma como se constitui a sociedade, e o que resultou de todos esses anos foi o que Orlandi (1997) chamou de “trabalho do silêncio”, demonstrada pela não presença de negros em produções audiovisuais, uma vez que a branquitude ainda respira e a cor negra poderia causar estranhamento.

[...] à medida que as sociedades se vão diferenciando em classes, há, simultaneamente, uma estratificação étnica. Da estratificação social caminha-se para a formação da estética racial. O grupo dominante formula seus valores estéticos fortemente impregnados pela conotação racial. Consequentemente, a cultura dominante do colonizador branco, simplesmente, esmagou a cultura trazida pelos africanos. (NASCIMENTO, 1961, p.20).

Às políticas de branqueamento deve-se a ruptura com a cultura africana, uma vez que a população negra desde a colonização buscou “branquear-se” para enquadrar-se no padrão comumente aceito. A exemplo disso podemos pensar na quantidade de mulheres que alisam seus cachos e afros na tentativa cruel de conquistar um “cabelo bom”, se submetem a processos químicos extremamente agressivos e perigosos em prol de uma aceitação. Uma ressalva aqui para marcas que ficaram conhecidas exatamente pelo contrário: enaltecer a beleza negra, libertando os cachos e abraçando a luta contra o racismo.

O racismo aumenta quando não há representatividade, e muito embora a população negra seja a mais prejudicada com a falta de representatividade, a população em geral também acaba por ser prejudicada, uma vez que a exclusão da primeira acaba por fechar as portas de discussão em combate ao racismo. Ou seja, não há como discutir o racismo quando só se tem personagens brancos em cena, não há como uma criança acreditar que possa ser princesa se nenhuma princesa se assemelha com ela, isso gera um colapso.

A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de

estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de autorrejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e preferências pela estética e valores culturais dos grupos valorizados nas representações. (MATTOS, p. 35, 2008)

Se pensarmos que hoje o público jovem está submerso em uma onda geek e nerd, consumidos pelos filmes de heróis, quadrinhos, mangás e por um catálogo exorbitante da Netflix, só reforça ainda mais a importância da representatividade nas ditas produções audiovisuais. As tentativas de produzir filmes e séries com protagonistas negros ainda é muito recente, e tais avanços só foram possíveis por uma série de ações, como o movimento negro, política de cotas, empoderamento de jovens negros e políticas de inclusão.

2.1 Uma nova cor para os quadrinhos

Em meados do século XX surge os primeiros personagens negros nos quadrinhos, embora ainda sem papéis de destaque. Não diferente de outras formas de produção midiática, a figura do negro era retratada de forma periférica e muito pouco explorada. Ou eram meros pano de fundo, ou apareciam ocasionalmente sem adentrar de fato ao enredo. “O povo negro só aparecia nas histórias como coadjuvantes temporários nas aventuras dos heróis brancos, ou caricaturados, mantendo o estereótipo de que o negro é inferior, feio, mal, primitivo e menos inteligente [...]”. (CIRNE, 2000, p.85).

No ano de 1967, o aclamado Martin Luther King, grande líder do movimento pelos direitos civis norte-americanos, conquistava para os negros o lugar que lhes era por direito. A lei que mudou a vida dos negros já completa mais de meio século, e foi fruto de muita luta dos negros, luta esta que culminou em uma nova mudança social e conseqüentemente acabou por refletir na mídia, que se viu obrigada a inserir personagens negros nos quadrinhos.

Se alguma coisa tem seu lugar reservado na formação de uma criança ou adolescente, sem dúvida alguma são as histórias em quadrinhos, uma vez que geralmente é por meio destas que iniciam os primeiros contatos com uma realidade em forma de arte. Com uma série de personagens cheios de si, são ferramentas importantes na construção da identidade, de uma autoestima e de valores. Daí o problema da ineficácia da representação. Para Passos (1999) a identidade é a forma que os indivíduos encontram de se reconhecerem e serem reconhecidos, tal como a maneira como se veem e são vistos. De modo que tudo que os outros dizem ou esperam dele, passa a fazer parte do ele de fato acha que é sua natureza, que como resultado influenciará na formação do seu perfil enquanto sua forma de ser.

As histórias em quadrinhos podem representar um caminho rumo ao resgate da autoestima do jovem, uma vez que é um ponto de encontro das mais variadas etnias, podendo

diminuir a sensação de exclusão e incorporação do preconceito. Por muito tempo o herói padrão e tradicional nada mais era que um cidadão branco que salvava o mundo, mas é fato que existem sim personagens negros sendo representados ao longo dos anos em histórias em quadrinhos, a questão aqui é falar na quantidade de personagens com o mínimo de relevância. Não se trata de vestir a capa de herói e pronto, trata-se de vestir também a história, de fazer parte daquele contexto e não ser simplesmente despejado ali para cumprir com uma “política de cotas”

Igualmente no Brasil a estética de negros e negras nas histórias em quadrinhos norte-americanos também recebeu influência direta de conceitos e ideias racistas estereotipadas. A segregação racial que vigorava nos EUA influenciou profundamente a forma como estes indivíduos viriam a ser apresentados nesse universo durante décadas. Personagens meramente coadjuvantes, na maioria das vezes eram inseridos para causar uma sensação de humor, degradando a imagem real da população negra, longe de uma representação real.

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. (PESAVENTO, 2005, p.41)

As representações depreciativas que se criam sobre os indivíduos e seus aspectos, sejam eles físicos, étnicos ou culturais refletem diretamente na auto aceitação, bem como na maneira com que se vê e trata o outro, havendo então uma ruptura com sua identidade étnico-racial. A representatividade corrobora com a reversão de tais concepções, criando versões correspondentes com a realidade.

É nesse meio a este cenário que ascende a Marvel Comics, que hoje é considerada a maior editora de quadrinhos do mundo, e tem ganhado cada vez mais importância no mercado. Seus personagens são mundialmente conhecidos e seguem sendo replicados e estampados em camisetas, mochilas, brinquedos e o que mais se puder imaginar ou não. Figuras como Whitewash, Bucky Barnes e Centelha, primeiros personagens negros da história da Timely que mais tarde viria a ser a própria Marvel Comics, todos mostravam características que remetiam a uma certa inferioridade, e embora aparecessem com certo destaque, nunca eram os salvadores da história, sendo salvos por algum personagem mais poderoso de alto escalão.

As coisas começaram a mudar quando Stan Lee transformava a Timely em Marvel, mudando completamente o conceito de heróis na história dos quadrinhos. E na década de 60 com a luta pelos direitos civis nos EUA os heróis negros ganhavam um novo rumo,

finalmente começam a surgir em papéis importantes e de grande destaque. Sendo o primeiro deles o Pantera Negra em 1966, na onda dos movimentos Black Power e Partido dos Panteras Negras.

2.2 Pantera Negra

Pantera Negra é o tipo de filme que vai muito além de simples entretenimento, pois a trama é toda permeada por uma série de discussões políticas, sociais, raciais e uma aula sobre diversidade. O início do filme trata com muito carinho as questões de ancestralidade dos povos africanos: um nobre rei africano contando a seu filho mais velho, herdeiro do trono, a história de sua terra, a história de Wakanda. Terra essa que foi palco de muita discórdia interna entre suas muitas tribos, tendo fim somente quando se curvaram perante aquele que possuía os poderes da Pantera Negra, uma divindade para eles. Já é possível perceber aqui a preocupação em tratar de questões culturais africanas, uma dança de efeitos e cores, a África nunca foi representada com tanta riqueza e cores.

O filme deve ser assistido após Capitão América: Guerra Civil, que é onde somos apresentados ao personagem pela primeira vez, bem como seu pai T'Chaka o até então rei de Wakanda que é morto em um ataque terrorista em uma das cenas do filme. A morte do rei é que torna possível a ascensão ao trono do príncipe T'Challa, o Pantera Negra. Ao assumir a função de protetor de Wakanda, o príncipe, agora rei, precisa muito mais do que administrar uma nação, mas lidar com as escolhas do pai e de seus ancestrais que têm ligação direta com o vilão da trama. Vilão esse que merece uma atenção muito especial, pois é um dos vilões mais bem desenvolvidos da história da Marvel. Killmonger ou N'Jadaka na língua de Wakanda tem um passado muito traumático devido a questões raciais e segregaristas dos EUA, um personagem empobrecido em meio a toda riqueza de Wakanda surge para criar um choque cultural.

Apesar de ser um filme de super herói, Pantera Negra tem todo um lado político, basta perceber que Wakanda é um reino extremamente avançado tecnologicamente e socialmente, mas que mantém as portas fechadas para o resto do mundo e mais do que isso, se mantém “camuflada” como um país pobre, não fornecendo ajuda a ninguém de fora da nação.

Além de simpatizar com o herói, não há como não simpatizar e defender também o vilão. A ambição de Killmonger é que Wakanda simplesmente pare de se esconder para o mundo e comece a agir, a fazer alguma coisa por aqueles que são oprimidos mundo afora, uma referência a ele próprio que fora oprimido e abandonado pelo seu país, bem como recuperar o trono que segundo ele lhe é por direito. Embora o telespectador não concorde com

suas atitudes violentas e cheias de vingança é possível entender e aceitar que ele faz o que faz porque tem motivos.

Em entrevista sobre o filme, o diretor Ryan Coogler revelou que a busca pela identidade é um dos primeiros pontos do filme, bem como em outros referências do Universo Marvel. O filme Pantera Negra arriscou e ousou muito em trazer um elenco quase 100% negro, mas que não se destina somente ao público afro descendente, podendo e devendo ser assistido por todos que se sentirem acolhidos e prontos a abraçar a causa negra.

2.2.1 Trilha sonora

Ludwig Göransson, compositor de cinema sueco, precisou sair da zona de conforto para adentrar o mundo de Pantera Negra. Tendo composto anteriormente faixas musicais de filmes como Creed, Creed II, Venom e Fruitvale Station, a nova proposta de trilha sonora foi um grande desafio para o compositor. Göransson se comprometeu em trazer para sua trilha sonora a realidade africana, tanto que o primeiro pedido ao ser escolhido para este trabalho foi uma viagem ao continente africano.

Durante sua viagem, houve uma imersão na cultura africana, que mais tarde seria traduzida na trilha vencedora do Oscar de Melhor Trilha Sonora Original de 2019. Além da influência da música tradicional africana, que contou com a participação especial de Baaba Maal, um músico local que conheceu na visita a Senegal, a trilha recebeu um toque de pop moderno com uma mistura de tons mais orquestrais.

Black Panther - The Album, tem início com a música Black Panther, um solo do aclamado rapper Kendrick Lamar, considerado um dos melhores rappers dos dias atuais. A música em especial traz a perspectiva do jovem rei T'Challa, sobre o peso e as esperanças depositadas na figura do rei. Outros nomes como Vince Staples, SZA e Rafael Mafra oferecem ainda mais peso para esse álbum feito totalmente por cantores negros para um filme com elenco e produção majoritariamente negros.

2.2.2 Figurino

Não só de trilha sonora e elenco se sustentou o filme, Pantera Negra se usou de muitas referências africanas para a construção dos figurinos também e muitas peças foram inclusive idealizadas em viagens ao continente e criadas com tecidos de países como Etiópia, por exemplo. A figurinista Ruth Carter foi a primeira negra a ganhar o Oscar de Melhor Figurino em 2019 pela sua produção para o filme, e já havia contado com indicações para outras produções como Malcolm X. Ao receber a estatueta, Ruth agradece ao diretor pelo belíssimo trabalho e finaliza: *“Obrigada por ser meu começo. Espero que isso te deixe orgulhoso.*

Marvel criou o primeiro super-herói negro, mas, com o nosso figurino, o transformamos em um rei africano” (Oscar, 2019).

Tecidos da Gana, chapéus e anéis de pescoço tradicionais, cores e bordados...Não há sequer um detalhe do filme que não tenha sido pensada em um contexto de valorização da cultura africana. Ruth Carter em sua viagem à África tentou resgatar da forma mais significativa o orgulho de pertencimento a essa cultura.

O figurino de T’Challa foi todo pensado para representar a realeza africana, os bordados da veste contam com uma inspiração em estampas nigerianas, bem como em mais uma série de culturas africanas. O chapéu usado pela rainha Ramonda, é uma alusão ao chapéu zulu comumente usado por mulheres casadas da tradição Zulu na América do Sul. As roupas de Nakia repleto de miçangas fora inspirado em uma tribo local da Etiópia, e muitas mais.

2.2.3 Língua

A grande maioria dos diálogos do filme são em inglês, mas a língua oficial de Wakanda é o Xhosa, a língua natal do Nelson Mandela, um dos idiomas oficiais da África do Sul. O Xhosa é uma língua tonal, ou seja, a entonação na pronúncia muda seu significado, logo, a pronúncia errada pode representar um abismo entre “comida” e “banheiro”.

Beth McGuire (2018 apud ADOROCINEMA, 2018) técnica de dialetos do filme, disse em entrevista que a ideia foi *“honrar a genealogia do precursor de Pantera Negra”* já que T’Chaka interpretado por John Kani é da África do Sul.

3 FEMINISMO NEGRO E AS MULHERES EM WAKANDA

Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.

(Davis)

É século XXI, as informações são transmitidas cada vez mais rápidas e com maior alcance, logo não há como ignorar que estejamos submersos em um contexto virtual, e uma vez que estejamos submersos não há como negar que a submersão as tecnologias digitais e as mais variadas formas de conexão criam possibilidades para os processos emancipatórios da cultura negra no Brasil e no mundo. Então, se por um lado as ondas discriminatórias e os comentários racistas tomam parte das redes, de outro lado temos mulheres negras empoderadas, ativistas, artistas, jornalistas afrodescendentes em ascensão, abrindo caminhos para essa tal representatividade e orgulho negro.

Muito tempo se passou para que houvesse um resgate à memória coletiva e valores africanos e afro-brasileiros, muitas voltas foram dadas para que se pudesse falar em um resgate desse sentimento de pertencimento. Quanto tempo esperamos para que as mulheres negras, jovens ou crianças se vissem como Shuris (princesa de Wakanda interpretada por Letícia Wright)? As mulheres por si só já enfrentam uma batalha árdua que permeia reconhecimento e aceitação, mas a mulher negra enfrenta uma dupla batalha: a batalha de gênero e a batalha étnica². Note-se, que etnia nada tem a ver com raça, mesmo que se confundam às vezes, é preciso diferenciar para melhor aplicar. Etnia diz respeito a algo muito além da aparência física, como língua, cultura, território, ancestralidade e crenças, enquanto a noção de raça diz respeito a questões genéticas, físicas, de aparência, sendo geralmente usada para definir raças de animais (daí o motivo de seu uso ter caráter preconceituoso quando direcionado a seres humanos). Então, do ponto de vista biológico, não existem raças humanas e sim raça humana.

A raça, bem como a questão de gênero, são os dois tipos mais comuns de desigualdade, a primeira, infelizmente, ainda diz respeito a discriminação, resultado dos anos de escravidão e racismo institucional. A segunda, se explica ao fato de que as mulheres estão sempre em desvantagem se comparadas com os homens, seja desvantagem de salário ou desvantagem de oportunidades. Ambas as desigualdades podem e devem ser tratadas ainda na

²Ver: KILOMBA, Grada. *Memórias de Plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

primeira infância, uma vez que ninguém nasce racista e muito menos com baixa autoestima, o que acontece é que as crianças apenas reproduzem, repetem o que lhes é dito, o que veem nos comerciais e o que é vivido em casa e na escola. As crianças negras, em especial as meninas negras, que vivem a dupla desigualdade, precisam de estratégias, elas necessitam estar cercadas por adultos que as fortaleçam para que possam responder às desigualdades e injustiças que encontrarão pelo caminho. A autoestima de uma menina negra que cresce amando seu cabelo crespo, seu tom de pele e que vive a ideia de que lugar de mulher é onde ela quiser, será responsável por fortalecer muitas mais crianças.

A questão de gênero é importante em qualquer canto do mundo. É importante que comecemos a planejar e sonhar um mundo mais justo. Um mundo de homens mais felizes e mulheres mais felizes, mais autênticos consigo mesmos. E é assim que devemos começar: precisamos criar nossas filhas de uma maneira diferente Também precisamos criar nossos filhos de maneira diferente (ADICHIE, 2014, p. 28).

A mulher negra se encontra na base da sociedade, e ao longo dos anos seguiram sendo oprimidas e violadas em diferentes espaços, por isso torna-se essencial a união para uma discussão efetiva no que diz respeito a questões de raça e gênero, bem como a atuação do feminismo dentro dessas vertentes, com o intuito de debater possibilidade de mudanças que visem uma real igualdade para essas mulheres. Essas mulheres negras tem de ser muito criativas e persistentes para ultrapassar os obstáculos visíveis e invisíveis, se virarem do avesso, de ponta cabeça, vivendo jornadas duplas ou triplas e se desdobrando em mil. Há um longo caminho a ser trilhado, mas hoje aos poucos estão encontrando o seu caminho o seu espaço ou lugar de fala, resultado de muito suor e briga, e têm se feito cada vez mais presentes em espaços importantes pela luta dos direitos das mulheres.

CARNEIRO (2011) fundadora e coordenadora executiva do Gelédes - Instituto da Mulher Negra³ -, destaca que essa luta foi impulsionada pela “crença na possibilidade de construção de um modelo civilizatório humano, fraterno e solidário, tendo como base os valores expressos pela luta anti- racista, feminista e ecológica, assumidos pelas mulheres negras de todos os continentes, pertencentes que somos à mesma comunidade de destinos”. A crença, ainda, de que podemos sim viver em uma sociedade onde as diferenças, formas, gêneros e cores sejam vistas de formas equivalentes e não mais com inferioridade.

Pantera Negra representa o impacto para (e desta) nova geração de mulheres, uma vez que as personagens de Wakanda, além de serem todas negras, ainda vivem de igual para igual com os homens e exercem papéis fundamentais naquela sociedade. E bem como apontou em

³ <https://www.geledes.org.br/>

entrevista a atriz Lupita Nyong'o, o filme enaltece não somente o respeito dos homens para com as mulheres, mas com as mulheres para com as outras e a si mesmas: “assistindo ao filme pela primeira vez, eu estava vendo que as diferentes mulheres ocupam o mesmo espaço e são totalmente autônomas, agindo não como competição, mas com parceria. Suas motivações pessoais são o que as leva adiante. Elas não são colírios para os olhos. Embora a gente sempre está maravilhosa”. Assim, se pensarmos nas opções teóricas que estamos operacionalizando, as representações nunca se dão no vazio, em espaços isentos de oposição e luta. As personagens femininas (ou do feminino) do filme *Pantera Negra*, representam um determinado momento da luta do feminismo negro⁴:

O feminismo negro é um campo epistemológico e político que não apenas pode ser vinculado à negritude, mas faz parte da sua matriz de experiência. Movimento surgido nos Estados Unidos (*Black Feminist Movement*) nos anos 1970 e desenvolvido no Brasil a partir da década seguinte, o feminismo negro desafia as formas de dominação de uma sociedade tradicionalmente branca e masculina e coloca em tensionamento a produção de conhecimento deste grupo. Um dos conceitos chave do feminismo negro é a interseccionalidade. Para Kimberle Crenshaw (2002, p. 8), a interseccionalidade “pode servir de ponte entre diversas instituições e eventos e entre questões de gênero e de raça [...] – uma vez que [...] visa incluir questões raciais nos debates sobre gênero e direitos humanos e incluir questões de gênero nos debates sobre raça e direitos humanos.”⁵

Note que o feminismo negro não pode e nem deve ser visto como mera ideologia, assim como também o *puro* feminismo, uma vez que ele surge a partir de situações cotidianas com base nas experiências diárias de mulheres negras. A luta das mulheres negras não deve ser equiparada a luta das mulheres brancas, uma vez que a primeira delas tende a suprimir a segunda, universalizando o feminismo e criando uma opressão ainda maior aos grupos minoritários. HOOKS (2015) destaca que o feminismo foi criado e pensado por mulheres de classe média, brancas e elitizadas, porque as mulheres negras, agredidas diariamente física e mentalmente, dentro e fora de suas casas não tiveram chance de serem ouvidas, nem pelos machistas, nem pelas feministas.

O feminismo negro ganhou força muito recentemente (no início desse século ainda), impulsionado pelas redes sociais e pelo aumento do acesso de mulheres negras às

⁴Ver: CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003; bell hooks - Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210; Luiza Bairros - Nossos Feminismos Revisitados. *Estudos Feministas*. Volume 3, nº 2, 1995. Sobre representações, ver: CHARTIER, Roger. *História Cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002; O Mundo como Representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, USP, n. 5, v. 11, Jan-abr. 1991.

⁵WESCHENFELDER, Viviane Inês. *Modos de Re(Existir), de (Res)Sentir*. Mulheres negras e relações raciais na educação. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018, p. 20.

universidades, e aos poucos ele vem ganhando novos rumos em uma luta mais consistente, por maior protagonismo na sociedade patriarcal e machista. Sociedade onde ainda a violência contra a mulher é justificada pela forma como ela se veste ou deixa de vestir, e onde ainda se tolera a ideia de que mulher é inferior ao homem. Daí a importância do debate sobre gênero nas escolas e de filmes como Pantera Negra, que visam empoderamento feminino, bem como uma promoção de equidade de gênero - a discrepância entre gêneros deve ser banalizada.

Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser o monitor da classe [...] (ADICHIE, 2014, p. 16-17)

Além da equidade de gêneros, o filme não repete estereótipos femininos, não há competitividade, não há apelo sexual e embora exista romances envolvendo algumas personagens femininas, o foco está para a força representada por cada uma delas. Personagens como Shuri, General Okoye, Nakia, Ramonda e Dora Milajje merecem uma atenção especial, porque o que não falta no filme são personagens femininas cheias de si.

3.1 Shuri

Princesa africana? Temos sim. Princesa de conto de fadas que vive em um castelo à espera de um príncipe encantado? Passamos longe. Interpretada por Letitia Wright, Shuri é a princesa negra empoderada, que esperamos por anos para ver nas telonas, irmã caçula de T'Challa (Pantera Negra), é conhecida por ser a pessoa mais inteligente do mundo. Deve-se a ela toda a tecnologia do traje do Pantera Negra, bem como a invenção de novas armas para combate. No filme, Shuri aparece várias vezes em seu laboratório, bem como lutando lado a lado com o irmão.

Letitia Wright, é uma atriz guianesa-britânica e já fez aparição em séries renomadas como Black Mirror e Doctor Who, bem como vários outros papéis em séries britânicas. A atriz nasceu na Guiana se mudou com sua família para Londres quando tinha 11 anos. Enquanto Pantera Negra II ainda não vem, Wright marcará presença na sequência do filme O assassinato no Expresso Oriente, adaptação do livro de Agatha Christie, A Morte no Nilo ainda sem previsão para lançamento.

Figura 1 – Princesa Shuri



Fonte: Reis

3.2 General Okoye

Interpretada por Danai Gurira, General Okoye lidera o grupo de guerreiras responsáveis pela proteção do rei, a Dora Milaje, sim, o rei conta com uma guarda de proteção inteiramente feminina. Okoye, é símbolo de resistência negra, e pode ser facilmente colocada lado a lado de Martin Luther King. Uma das cenas memoráveis da general é quando ela derruba o exército inimigo de Killmonger cujo um dos líderes era seu próprio marido, deixando de lado o amor e agindo de forma justa.

Figura 2 - Okoye



Fonte: Quintas

3.3 Nakia

Vivida por Lupita Nyong'o, Nakia embora seja par romântico do personagem principal, não é por isso que recebe destaque. No filme ela é uma espiã e se infiltra em tribos africanas que sequestram mulheres para fazê-las escravas sexuais. Apesar de deixar bem claro os sentimentos por T'Challa, a personagem coloca a segurança de seus país e de seu povo a frente de tudo.

Nyong'o é uma atriz queniano-mexicana, já estrelou em filmes como “12 anos de escravidão” (o qual ganhou o Oscar e o Critics' Choice Award na categoria de melhor atriz coadjuvante), “Nós”, bem como os últimos filmes da franquia Star Wars. Além do destaque nas telonas, a atriz é engajada em causas sociais no Quênia, onde se propõe a defender os elefantes e fornecer ajuda a mulheres e crianças em Uganda. Além disso, Lupita está produzindo a série Americanah, baseada no livro de Chimamanda e deverá ser lançada muito em breve pela HBO.

Figura 3 - Nakia



Fonte: Rafael

3.4 Ramonda

Interpretada por Angela Basset, Ramonda é a rainha-mãe de Wakanda, a matriarca do país, apesar de não aparecer em muitas cenas, em poucas demonstrou sua total imponência fosse com sua postura ou quanto o figurino. Figurino este, que foi totalmente inspirado no design africano bem como de todo o restante do elenco.

Além de atriz, é compositora, cantora e diretora, contando ainda com prêmios como NAACP Image Award como Melhor Atriz no Cinema e Globo de Ouro de Melhor Atriz em Comédia ou Musical com o filme Tina. Atualmente atua na série American Horror Story, e

além de Pantera Negra já marcou presença em: Os donos da rua, Malcolm X, Vida de Cidade, Contato, Faces da Verdade e A terra do sol.

Figura 4 – Rainha Ramonda



Fonte: Dolores

3.5 Dora Milaje

Por fim, essas mulheres sensacionais formam a Dora Milaje, guerreiras encarregadas da proteção do rei e do reino, lideradas pela General Okoye, somente as melhores guerreiras de suas tribos podem compor o grupo. Se trata de um grupo simbólico, uma vez que representa a união de todas as tribos de Wakanda.

Figura 5 – As guerreiras



Fonte: Villa

Percebe-se que em Pantera Negra nós temos personagens femininas fortes e de grande profundidade e importante no universo da Marvel. E não obstante em ter mulheres, há mulheres de todos os tipos, rainhas, espiãs, cientistas, guerreiras e princesas, cada qual com seus próprios objetivos, e finalmente os alcançam sem comando dos homens.

3.6 - Procuram-se bonecas pretas

Se tomarmos nota acerca da invisibilidade negra e sobre seus efeitos ainda na fase da infância, vamos perceber que os contos de fadas, as histórias infantis e os desenhos animados foram totalmente pensados e projetados para uma criança branca. Personagens infantis, heróis e princesas de cor negra são muito recentes, hoje temos Pantera Negra, Homem Aranha negro, princesa Tiana (Princesa e o Sapo), Doutora Brinquedos e Moana, que embora seja indígena também representa um salto na questão da representatividade étnico-racial. Mas quantas crianças cresceram tendo personagens como o malandro Saci Pererê de referência ou a princesa loira e dos olhos azuis, Cinderela? Como fica a autoestima de uma criança que não consegue se reconhecer nos desenhos animados? Que não consegue se ver em um brinquedo? Representatividade importa sim, importa porque demonstra pertencimento.

Entendo representatividade hoje como um processo, que tem caminhado lado a lado com as novas possibilidades, bem como tecnologias, e faz-se muito necessário contribuir para com esse processo, levando a representatividade àqueles que pouco são representados. A falta de representatividade é um problema sério, uma vez que a auto identificação é fundamental para a criança. Se um brinquedo não se parece com ela, se ela só vê bonecas brancas, a autoestima da criança fica comprometida desde a primeira infância. Uma vez que a criança brinca ou vê algo que se assemelha a ela, algo que a represente de forma significativa, haverá muitas Shuris e T'Challas que inspiram autoestima e auto aceitação.

Crianças negras precisam de bonecas negras e crianças brancas precisam de bonecas brancas, é importante que todas as crianças desde cedo aprendam a conviver, aceitar e respeitar as diferenças. Marcílio (2019, apud FÃS DA PSICANALISE, 2019), consultora da Avante - Educação e Mobilização Social de Salvador, sobre a campanha *Cadê nossa Boneca?* afirma que “ter bonecas pretas é necessário para uma educação mais justa, para alcançar as ideias de diversidade, valorização do sujeito, fortalecimento da autoestima, das interrelações pessoais e sociais da criança. Faz todo o sentido, de convivência social, de respeito ao outro”.

Figura 6 – Lázaro Ramos e Cris Vianna com suas bonecas



Fonte: Bonecas... (2020).

Aos poucos, pequenas e grandes empresas têm se mobilizado em prol da representatividade negra, a boneca Dandara (nome inspirada na guerreira Dandara, esposa de Zumbi dos Palmares) é oferecida pela empresa *Era uma Vez o Mundo*, que desde 2017 descobriu nas bonecas negras uma forma de minimizar o racismo e incentivar a aceitação e criação de identidade das crianças negras. Melquiades (2019, apud FÃS DA PSICANÁLISE, 2019) a fundadora da marca, descreve a empresa como uma “fábrica de sonhos”.

Outra empresa conhecida por essa mobilização é a Amora, que muito mais do que uma loja de brinquedos é também um negócio social, a cada boneca vendida uma outra é doada para escolas públicas. Com a campanha *Eu brinco, eu existo*, a loja embora tenha como ponte forte as bonecas, conta com também com jogos, roupas, livros e o mais bacana, giz de cera com os mais variados tons de pele.

Figura 7 – Giz em tons pele



Fonte: Giz

Mas não só as pequenas empresas têm se mobilizado, a marca Barbie, saiu na frente, e as bonecas negras, com deficiência, transgênero, careca e com vitiligo estarão em breve nos mercados. Além de contar com essas novas possibilidades é importante lembrar que a Barbie apesar de sempre ter sido bem estereotipada sempre contou com infinitas possibilidades de profissão, o que é um grande incentivo às meninas “você pode ser o que quiser”.

Figura 8 - Barbies



Fonte: Filippe

Voltando um pouco ao sucesso de Pantera Negra, a marca Funko também apostou na representatividade e já conta com duas linhas de bonecos inspirados nos personagens do filme de grande sucesso.

Figura 9 – Funko da Shuri



Fonte: Funko

As bonecas deixam evidente o quanto a representação é importante, o quanto se sentir parte de um todo é fundamental para a aceitação de si mesmo e do outro, bem como o combate às diferenças e o racismo. Uma boneca não é uma simples boneca, é um despertar de sentimentos.

4 UM QUILOMBO EM WAKANDA

O único homem que invejo é aquele que não esteve na África, pois ainda tem muito a descobrir.

(Mullin)

Ao falar em África é possível que uma série de imagens e conceitos distorcidos venha surgir à cabeça, imagens e conceitos estes que foram sendo cultivados no subconsciente e passados adiante ao longo dos anos. Se imagina, primeiramente, a África como um país, e não como um continente. Parece loucura, mas a verdade é que muitas pessoas ainda se referem ao continente como uma região homogênea, com uma única cultura e um único povo. Sobre a região? Uma região extremamente pobre, onde a fome já faz parte do cotidiano de cada cidadão. A cultura? Saravá, é claro. O povo? Unicamente negro, obviamente, selvagens e descendentes de escravizados. Além disso, não é surpresa relacionar a Etiópia, por exemplo, com as muitas mortes por doenças. Doenças? Sim, a África é responsável pela disseminação de todas as doenças do mundo. Enfim, esse é apenas um pequeno conjunto de ideias que vêm sendo reproduzido ao longo desses anos, e que precisa ser reavaliado e repensado.

De acordo com Mia Couto:

[...] infelizmente a imagem de África já está construída e sedimentada por muito preconceito e muita ignorância. Nos ciclos de namoro e abandono, o continente negro é hoje um lugar que suscita pessimismo. Os que decidem sobre os destinos globais estão tentados a desistir de África. (2005, p.78)

É fato que a mídia não parece se mostrar empenhada em contribuir com um novo pensamento sobre a África, insistindo muitas vezes em manter circulando notícias de miséria, guerras étnicas, doenças e total falência do continente. Mas também é fato que precisamos nos abster dessa história única e, mais do que isso, precisamos desconfiar de uma história que nos é imposta unicamente sem nem uma outra versão, para quando nos depararmos com filmes como Pantera Negra termos consciência de que estamos falando da África, daquela África que fora deturpada e que finalmente ganhou novas vozes.

Daí a importância do ensino de História da África e da história e cultura afrodescendente, defendida pela a Lei 10.639 de 2003, que propõe um novo diálogo entre as culturas e visa a criação de um novo olhar acerca da história da humanidade. A lei por si só não representa garantias e nem assegura mudanças efetivas no que diz respeito ao fim da discriminação racial, mas sua promulgação reconhece formalmente a existência do racismo,

abrindo espaço para um debate para o fim do preconceito racial e afirmação de identidades. Conhecer a história da África, ou melhor, reconhecer a história da África, é o indicativo de uma diminuição dessa visão eurocêntrica que tem vigorado. Sempre ouvimos que Brasil é multicultural, miscigenado, o resultado de uma mistura entre índios, brancos e negros, mas nunca de fato fomos apresentados a essa história, logo, incluir novos sujeitos aos seus devidos espaços tanto na sociedade quanto na História, é contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e livre de preconceitos.

Cabe aqui a proposta de um amplo debate, em termos educacionais, sobre o preconceito, as práticas discriminatórias e maneiras de superá-los, pois a escola é um núcleo estruturante formador de futuros adultos. Além disso, creio ser uma importante contribuição a educação formal enfatizar as nossas raízes nos currículos e reconstruir a história do processo de formação do povo brasileiro, não mais sob a ótica branca oficial, mas com uma visão mais abrangente. (FERREIRA, 2002, p. 81)

Pantera Negra também pode ser incluído nesse debate, uma vez que o filme traz discussões do mundo real a partir de um ponto de vista ficcional. Wakanda, por exemplo, aparece como uma nação do continente africano, que se ergueu em meio ao fantasma da colonização europeia, devendo ser considerada como uma grande vilã a ser superada na história. Fomentando a construção de um novo imaginário, o filme cria possibilidades, propondo a existência de uma nação completamente desenvolvida no continente africano. Representar um país africano desenvolvido em todos os sentidos funciona como uma forma de reversão da visão eurocêntrica, que negou e simplificou a história dos povos africanos em meros subjugados, criando assim uma África não mais do ponto de vista do colonizador.

Chegou-se até a negar que o continente africano tinha uma história antes das invasões coloniais. Evidentemente, o tráfico negreiro e em consequência a escravidão e depois a ocupação colonial foram acontecimentos de grande envergadura que mudaram a história original da África, mas isto não quer dizer que essa história não existiu antes ou começou a existir apenas a partir do tráfico ou a partir da Conferência de Berlim. Como a história de todos os povos, a da África tem passado, presente e continuidade. Mais do que isso: sendo a África o berço da humanidade, é a partir dela que a história da humanidade começa e nela se desenvolveram as grandes civilizações que marcaram a história da humanidade, como a civilização egípcia. (MUNANGA 2015, p. 25)

Pantera Negra é a reinvenção da África, a desmistificação do que foi dito e do que não foi, e, toda a valorização da cultura africana que o filme traz, dando poder a quem foi subjugado, dando riqueza a quem foi tido como miserável, dando formas a um continente esquecido e trazendo implicações acerca do continente, tanto em questões de passado como de presente, vem implícita em um diálogo multifacetado. Um diálogo que ora circula entre

representações modernas e tradicionais do continente africano, ora traça paralelos importantes entre momentos, como exploração e tráfico negreiro e ora simplesmente enalte as riquezas, belezas, tecnologias e orgulho de Wakanda.

Em meio a esses diálogos permeados por referências históricas, políticas e culturais, é possível ainda perceber a trajetória do movimento negro nos Estados Unidos, através de pequenos detalhes no plano de fundo do filme. A cena inicial do filme, por exemplo, mostra um *flashback* em Oakland, 1962, na Califórnia, que não por acaso, foi o berço do movimento do Partido dos Panteras Negras, que surgiu em resposta aos muitos atos de violência por parte da polícia local. A cena mostra dois meninos jogando basquete a noite em uma quadra cercada por conjuntos habitacionais de periferia. Dentro de um desses apartamentos se encontra o pai de Erik Killmonger, N'Jobu e seu amigo, Zuri, que estão planejando uma espécie de ação armada. Na televisão é possível ver imagens de um confronto entre um grupo de pessoas e a polícia, uma referência do filme para os conflitos da época. Os Panteras Negras defendiam métodos mais revolucionários e violentos como forma de conter a opressão, tal como a realização de projetos sociais para atender os mais pobres, assim como os ideais defendidos pelo *vilão* Killmonger ao longo do filme.

Formado em 1966, o Partido dos Panteras Negras pela Autodefesa foi a maior organização revolucionária negra que já existiu. Famosos por pegar em armas em defesa contra a brutalidade policial, os Panteras tinham muitos outros lados pouco conhecidos de seu trabalho. Eles organizaram dezenas de programas comunitários como café da manhã e sapatos gratuitos para crianças, e clínicas de saúde. (WOOD, RAJGURU, 2008, p.3)

Killmonger representa os princípios do Partido dos Panteras Negras, beirando entre dois grandes nomes da luta pelos direitos de mínima igualdade civil: Martin Luther King e Malcolm X.: de um lado a pregação de um ativismo mais pacífico pela conquista de direitos da população negra, de outro, um ativismo extremista que defendia que o fim da supremacia branca só se daria por meio de conflitos armados e violentos. Questionando muitas vezes o isolamento de Wakanda, e motivado pelo sonho do pai de libertar os povos negros, Killmonger se torna um peso na consciência de T'Challa, que começa a questionar os princípios de seu próprio pai, afinal, eles não deveriam abrir suas fronteiras e oferecer apoio às demais nações oprimidas?

4.1 África explorada

Numa de suas falas, a personagem que encarna um agente da CIA Everett Ross diz para T'Challa: “*Você está me dizendo que o rei de um país de terceiro mundo anda por aí com uma roupa de gato a prova de balas?*”. O questionamento do agente explica de forma

simples muito bem o pensamento que pessoas brancas e privilegiadas tem sobre um africano e seu lugar de origem: primitivo e subdesenvolvido. Com o decorrer da trama, a opinião do agente é modificada, mas seu questionamento inicial remonta a dificuldade em desconstruir certas inverdades a respeito dos povos africanos, uma vez que muitos pesquisadores ainda persistem em fazer uso da história oficial baseada nos padrões europeus.

A nação de Wakanda representa o que a África deveria e poderia ter sido se não fosse o processo de colonização, uma vez que se trata de um país escondido que não foi descoberto pelos colonizadores europeus. O resultado: um país africano rico, evoluído e superdesenvolvido, nascido da união de tribos locais. É a nação mais avançada do mundo, tanto econômica quanto socialmente. Diferente dos demais países africanos, Wakanda não era submetida às constantes explorações coloniais e imperialistas, por isso conseguiu crescer fazendo uso de um metal precioso, o Vibranium. A África que nos é apresentada em Wakanda, embora não passe de um contexto imaginário, levanta questões sobre o que de fato o continente africano poderia ter sido caso tivesse tido a chance de se descobrir.

Esse sistema colonial, ao longo dos anos, não permitiu às colônias nenhuma forma de acumulação interna. A riqueza natural deu lugar à erosão e empobrecimento do solo, que acarretou na subalimentação da população. Sem contar no vazio demográfico causado pelo tráfico negreiro ao longo dos séculos. (FRUCTUOZO; AMARAL, 2009, p. 5-6)

Ter uma nação tão tecnológica inserida dentro do continente africano explicita a grande diferença com a situação real da África pós colonialismo, mais do que isso, faz alusão ao passado do continente, rico em metais preciosos e recursos naturais. Lupita Nyong'o (2018) destaca que o colonialismo reescreveu a história do povo negro por meio de uma narrativa de pobreza e sofrimento, então Wakanda representa as potencialidades dos países africanos e toda a diversidade apresentada no filme diz respeito a diversidade real de países reais.

Na cena do museu em que Erik observa as peças africanas, além de quebrar estereótipos demonstrando seu conhecimento sobre sua própria cultura e antepassados, ainda mostra como ele estava atento ao fato de que estava sendo vigiado pelo segurança desde que havia entrado no museu, vigiado primeiro por ser negro e segundo por usar roupas de periferia. Aí, o filme exterioriza a associação da cor negra com a periculosidade e a criminalidade. Além do racismo explícito, é possível refletir ainda sobre a relação colonizador e colonizado, uma vez que boa parte dos bens e riquezas culturais africanas constituem os museus americanos, bem como a própria mão-de-obra escravizada. Dessa relação, o que restou foram as marcas da escravidão e a ideia de uma “democracia racial”, que Fernandes

(1978) entende por falsa ideologia. Falsa ideologia porque embora os negros não tenham sido excluídos totalmente, também não foram aceitos de igual para igual, tornando o processo da abolição uma questão meramente jurídica.

4.2 Mitos e cultura africana

“Vida longa ao rei!”. No ritual de coroação, T’Challa bebe um chá que retira toda a força do Pantera Negra de seu corpo, pois embora seja o herdeiro ao trono precisa se mostrar merecedor do título de rei derrotando o líder atual de Wakanda ou qualquer guerreiro que se sentir apto. Após vencer, T’Challa tem um encontro em espírito com seu pai e recebe seus poderes de volta por meio da erva coração, uma erva existente somente naquela região. A erva coração é extremamente venenosa, mas de acordo com as tradições de Wakanda, desde pequenos os herdeiros ao trono devem beber-la para ter o seu espírito ligado a Deusa Pantera. A coroação do rei levanta questões sobre misticismo e espiritualismo, ambos com presença muito forte na cultura africana, que mais tarde vieram a se fazer presentes também na cultura e religiões afro-brasileiras.

As religiões afro-brasileiras se baseiam na tradição oral, no transe mediúnico ou de possessão, culto aos Orixás (Voduns, Inkices); culto aos Ancestrais Ilustres (espíritos desencarnados - denominados eguns no Candomblé e espíritos protetores em outros cultos), o canto sacro, a música sacra, a dança sacra, podendo alguns cultos ter como sacrifício animal e o uso de bebidas que propiciam “estado superior de consciência”. (SILVA, 2014, p. 33)

O uso de lendas e mitos como forma de explicar fenômenos da natureza é algo muito típico das crenças e religiões africanas e afro-brasileiras, bem como a história oral passada de pai para filho, geração pós geração. Para Gomes e Silva (2011) “a lenda concerne essencialmente a um fato acrescido da imaginação popular, ou seja, é uma narrativa imaginária que possui raízes na realidade objetiva”, ou seja, trata-se de uma imaginação popular que conversa com a realidade.

As religiões afro-brasileiras surgiram durante o processo de colonização do Brasil, com a vinda dos escravizados africanos, tendo algumas religiões já existentes, absorvido alguns costumes e rituais africanos. A Umbanda e o Candomblé estão entre as mais populares aqui no Brasil, e embora apresentem muitas semelhanças, uma é brasileira com apenas influências africanas e a outra tradicionalmente africana.

Na cena inicial do filme, T’Challa, ainda criança pede para que o pai lhe conte uma história, uma história sobre o seu lar. O que se segue é uma história mística sobre o surgimento de Wakanda, a partir da queda de um meteorito de Vibranium há milhões de anos. O meteorito teria modificado toda a fauna e flora do país africano, e quando surgiram os

primeiros homens, cinco tribos se estabeleceram, dando àquele lugar o nome de Wakanda. Tais tribos viviam em constante guerra, até que um guerreiro Xamã recebeu uma visão da Deusa Pantera, que o guiou até a erva coração, uma planta que lhe daria força e capacidades sobre-humanas, tornando-o o primeiro rei Pantera Negra. Quatro das cinco tribos concordaram em seguir o rei, fazendo uso do Vibranium para se tornarem a nação mais avançada. Enquanto o caos se instaurava no restante do mundo, o povo de Wakanda jurou se manter a parte e isolada.

Embora a questão mítica e ritualística seja muito explorada em várias cenas do filme, o fato de Wakanda estar totalmente isolada do restante do mundo, faz com que ela não sofra com preconceitos e perseguições religiosas. No Brasil, as religiões afro-brasileiras têm resistido a intolerância religiosa, bem como mais uma vez ao racismo e machismo, já que são religiões de grande predominância negra e de tradição matriarcal. Além do que, o fato de serem religiões oriundas da África, aumenta a dimensão do problema de intolerância, que ora tem origem na “demonização” de cultos africanos por parte de outras religiões e ora se origina a partir do reflexo de uma escravidão ainda enraizada na sociedade.

4.3 Marcas do colonialismo

Se encaminhando para o final do filme, temos a cena mais memorável de Killmonger: T’Challa, após vencer a luta com o vilão, o carrega até a beira de um abismo, para que ele possa ver pela primeira e última vez o pôr do sol em Wakanda (um dos desejos de seu falecido pai). O herói sugere que há como curá-lo, mas a resposta que seguiu nos remete a um passado sombrio: *“Curar? Para então me prender? Não. Então me enterre no oceano com meus ancestrais, que pularam de navios, pois sabiam que a morte era melhor do que a escravidão”*. Em seguida Killmonger põe fim a própria vida.

[...] diante da difícil condição do cativo - dos castigos e das punições de seus senhores -, agravadas pela distância de sua terra de origem e de seus familiares, muitos escravos viam no suicídio a única ou a última forma de livrar-se da escravidão. Alguns escravos fugidos constituíam comunidades independentes, mas não muito isoladas, para que pudessem interagir com a sociedade, comercializando sua produção agrícola, mesmo que de forma clandestina, com a ajuda de pequenos comerciantes, agricultores e até mesmo escravos. (LEITE, 2017, p. 69)

O discurso de Killmonger demonstra sua motivação anticolonial por meio de uma memória vívida do destino imposto aos seus antepassados: a morte ou a escravidão. Entre os séculos XVI e XIX milhares de mulheres, homens e crianças negras perderam sua condição humana, tendo seus corpos, almas, culturas e crenças apropriados pelos europeus. Essa luta entre colonizador e colonizado trouxe duras consequências a esses povos, que além de impedidos de obter autonomia,

ainda seguem subjugados até os dias atuais. Além do discurso, é possível refletir sobre a origem do personagem, criado nas periferias dos Estados Unidos. Lembrando que assim como o Brasil, os Estados Unidos também conviveram com a escravidão durante séculos, deixando inúmeras cicatrizes tais como as políticas segregaristas seguidas de uma extensa desigualdade econômica entre negros e brancos. Segundo Dierenfield, sobre a segregação racial:

Nos anos 50, a população negra tinha que lidar com situações degradantes em meios de transporte, especialmente em ônibus. Como exemplo, pode-se citar a situação existente em Montgomery, no Alabama: nenhum motorista era negro, os ônibus paravam em todas as esquinas de bairros brancos, enquanto deixava muitas de bairros negros sem acesso, alguns motoristas aceleravam ao invés de parar quando viam negros parados em pontos de embarque, além de fazer com que negros entrassem somente pela porta de trás do ônibus. Dentro dos ônibus, as dez primeiras filas eram reservadas apenas para passageiros brancos, que normalmente ficavam vazias, enquanto as fileiras reservadas para negros costumavam estarem lotadas. Com pouca educação, empregos limitados a áreas servis e laborais, salários mais baixos, a população negra era a que mais demandava o serviço de transportes públicos (DIERENFIELD, 2013 apud. CARVALHO; RAMAGEM, 2019, p. 9-10).

No filme, o pai de Killmonger, N'Jobu, um radical político que foi morto pelo próprio irmão por roubar Vibranium para distribuir para o povo negro, representa a luta constante dos negros nos Estados Unidos, luta contra o racismo que perdura até o tempo presente. Em contraponto, temos Ulysses Klaue, um dos dois personagens brancos do filme, um vilão negociante de armas representando o racismo e a exploração dos recursos naturais do continente africano. Ulysses representa também a visão negativa que permeia o continente africano, trazendo um discurso de ódio a nação de Wakanda, indignos e selvagens é como ele os descreve.

4.4 Afrofuturismo

“Só porque algo não funciona, não significa que não possa ser melhorado!”. Essa é uma das frases ditas por Shuri, a princesa responsável pelo desenvolvimento de armas e trajes tecnológicos de Wakanda. Na ocasião, ela se referia ao fato de que tudo pode ser reinventado e reformulado, um exemplo disso, é um colar criado por ela e usado por seu irmão T'Challa, que além de funcionar como um simples adereço é o “gatilho” para ativar o traje do herói. Mas não somente de trajes tecnológicos vive Wakanda: carros voadores, aeronaves e trens de levitação magnética também fazem parte do cotidiano da nação africana. Aí entra a questão do Afrofuturismo: imaginar um lugar no futuro para a África.

O Afrofuturismo é um movimento artístico que combina tradições africanas com ficção histórica, ficção científica, fantasia, realismo, como forma de denúncia aos

preconceitos sofridos pela população negra. Mais do que isso, atua com o intuito de quebrar esse estigma racial, recriando o passado e oferecendo um futuro diferente àquele imposto pelo mundo branco. O termo foi usado pela primeira vez pelo cineasta (e branco), Mark Dery, em seu ensaio “Black to the future”, onde analisava por que havia tão poucos escritores negros de ficção científica naquela época. (FRANK, 2016)

Os negros sempre tiveram suas próprias histórias, simbolismos e identidades do continente africano passadas pelas gerações, e que foram silenciadas pela aculturação e silenciamento desse povo que excluiu seu poder cultural. Portanto, mesmo sendo considerado apenas um gênero cultural, o Afrofuturismo projeta as possibilidades futurísticas de um povo, ultrapassando o gênero cultural e influenciando da vida real. (SILVA; QUADRADO, 2016, p. 8)

Como o próprio nome diz, as narrativas dentro de um contexto do Afrofuturismo se passam em futuros distópicos ou utópicos, com personagens como T’Challa, representando um futuro onde a população negra esteja presente, mas não presente no simples fato de existir, mas presente em atuação. Tais narrativas tendem a criar um futuro, e não importa o quão absurdo ele seja, desde que crie possibilidade para a população negra. Para Kabral (2016), o que há nesse mundo são homens e mulheres pretas marcando presença no mundo e vivendo da forma como bem entendem e se expressando como bem desejam.

O filme Pantera Negra trouxe muito mais do que um super-herói negro, trouxe uma figura símbolo de resistência e representação, tanto na ficção como na realidade, fazendo jus ao significado de Afrofuturismo: uma ferramenta contra o eurocentrismo, que oferece e recria histórias de modo a dar novos significados a visão de mundo do sujeito negro.

5 CONCLUSÃO

Os negros, bem como o continente africano, sempre tiveram sua própria história, suas próprias vozes e crenças, mas o que o eurocentrismo fez foi usurpar e silenciar seus traços e corpos. O eurocentrismo recontou uma história onde não cabiam os negros senão na condição de escravizados. A mídia não colaborou muito com a reversão da situação, e seguiu replicando preconceitos e simplificando a participação dos negros na sociedade. O resultado disso foi que a população negra seguiu marginalizada em uma luta constante por aceitação. Aceitação por parte da população branca e aceitação de si mesmo enquanto negro.

Os filmes, bem como as histórias em quadrinhos, podem ser importantes instrumentos no diálogo étnico-racial, desafiando as pessoas a discutirem situações cotidianas banais que passam despercebidas. Ter produtos midiáticos que apresentem um número expressivo de negros e que valorize essa presença é uma forma de resistir ao protagonismo branco.

Pantera negra representa um despertar. Um despertar na preservação dos traços, dos corpos, culturas e cor. Um filme produzido por negros, protagonizado por negros, falando sobre negros, com trilha sonora negra, é um salto rumo a auto aceitação. Finalmente as meninas negras puderam se ver como princesas e meninos negros puderam se ver como super-heróis. E para além dessa construção de identidade negra positiva, o filme é ainda um pedido pelo fim do racismo e desigualdades. Vamos falar de Killmonger? O vilão representa a população negra oprimida pelo racismo, os escravizados que foram trazidos amontoados em navios e os antepassados que tiveram suas culturas subjugadas. O diálogo do filme é ficção, os personagens e o continente são ficção, mas os debates e embates são reais.

O que torna Pantera Negra diferente de outras produções é a conversa que ele faz com o passado, tratando de escravidão, mas sem explicitar a escravidão. Não foram necessárias cenas de tráfico de escravos ou negros sendo açoitados, a escravidão e o sentimento que restou dela é forte e muito presente nos diálogos e até mesmo nas piadas do filme. *“Não me assuste assim, colonizador”*, alerta Shuri para o agente Ross em uma das cenas. As cenas de um povo negro sofredor e sem expectativa de vida a espera de um branco salvador também foram excluídas. Além disso, o filme trata com delicadeza da ancestralidade africana, as celebrações e rituais são um ponto alto, enaltecendo o orgulho e o respeito em fazer parte dessa cultura.

Apesar do grande sucesso do filme e da alta receptividade, é importante que tenhamos em mente que ele é apenas um despertar em um processo muito maior chamado racismo estrutural. O racismo estrutural supõe a existência de uma estrutura enraizada na sociedade,

estrutura essa que privilegia alguns grupos em detrimento de outros. Esse enraizamento pode ser percebido por meio da estereotipação da figura do negro nas novelas e filmes, uma vez que a empregada doméstica e o traficante são sempre negros. Também pode ser percebido por meio da construção de uma identidade negativa associando sempre o negro à pobreza e favelas. O negro não pode ser médico, não pode ser dona de uma grande empresa e nem um professor de uma universidade.

Em meio a tudo isso, é inegável que cada vez se fazem mais necessárias novas formas de representação do ser negro. Precisamos incluir urgentemente mais personagens negros nas histórias, nos filmes, nas novelas, desenhos animados, e não somente incluir, mas incluir de modo a acrescentar algo e não diminuir ainda mais. Precisamos tratar na escola o fato de que os negros também foram (e são) inventores, escritores, revolucionários, cantores, advogados e lutadores, e mais do que isso, incluir autores negros nas leituras em sala de aula. Precisamos de políticas públicas viáveis e palpáveis que contribuam cada vez mais com a inserção efetiva do negro na sociedade. Precisamos de mais cotas raciais para enegrecer de vez as universidades. Por meio dessas novas formas de representação é que poderemos construir uma autoestima mais forte, enfraquecendo os ideais da supremacia branca.

É de suma importância que a população negra tome seus devidos lugares e ocupem os espaços antes nunca ocupados por negros, pois uma vez os tendo feito se abrirá um campo de possibilidades para aqueles que ainda estão resguardados oprimidos pelo racismo. Pantera Negra abriu a porta para esses novos lugares, em Wakanda a mulher pode ser guerreira, princesa e cientista. Os homens, reis, príncipes e heróis. Wakanda pode não passar de uma mera ficção, mas essa mera ficção oferece a possibilidade para os negros serem heróis e donos de sua própria história.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todas feministas*. São Paulo. Companhia das Letras. 2014.
- AGOSTINHO, Elbert. *Que “Negro” é esse nas Histórias em Quadrinhos?* Uma análise sobre o Jeremias de Maurício de Sousa. 5^{as} Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. 22 a 24 de agosto de 2018, Escola de Comunicações e Artes da USP.
- BAIROS, Luiza. *Nossos Feminismos Revisitados*. Estudos Feministas. Volume 3, nº 2, 1995.
- BONECAS negras para brincar e ajudar na formação da identidade das crianças. Fãs da Psicanálise. São Paulo, 16 maio 19. Disponível em: <<https://noticiasdeimpacto.com.br/bonecas-negras-para-brincar-e-ajudar-na-formacao-da-identidade-das-criancas/>>. Acesso em: 7 maio 2020.
- BRAGA Júnior, Amaro Xavier. *A ambientação de personagens negros na Marvel Comics: Periferia, vilania e relações inter-raciais*. Identidade! São Leopoldo, v.18, n. 1, p. 03-20 | jan.-jun. 2013.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Trad. Sergio Goes de Paula 2^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.
- CAMARGO, A. C. (2001). *A experiência escolar na construção da identidade do brasileiro afrodescendente*. Pesquisa de Iniciação Científica, Curso de Psicologia, Universidade São Marcos, São Paulo.
- CAMPANHA cadê nossa boneca? Discute representatividade em curso de artesanato. Avante. Disponível em: <<http://www.avante.org.br/campanha-cade-nossa-boneca-discute-representatividade-com-artesaos/#>>. Acesso em: 6 maio 20.
- CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em movimento*. Estudos Avançados, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.
- CARVALHO, Monique Malcher. *Sem Linhas Retas: Gênero E Sexualidade Nos Quadrinhos*. 5^{as} Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. 22 a 24 de agosto de 2018, Escola de Comunicações e Artes da USP.
- CHARÃO, Cristina. *O longo combate às desigualdades sociais*. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=711>. Acesso em: 27 maio 20.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 2002.
- _____. O Mundo como Representação. *Estudos Avançados*. São Paulo, USP, n. 5, v. 11, Jan-abr. 1991.
- CHAVES, Amanda; SHAUN, Angela. *A cultura afro-brasileira em foco: 10 anos da aprovação da lei 10.639/03 e o papel da mídia – um olhar sobre o jornal folha de s. Paulo - janeiro de 2003 e 2013*. In: 9 Encontro Nacional de História da Mídia, 2013, Ouro Preto...Anais, Ouro Preto, 2013.
- CHAVES, Wanderson da Silva. *O Partido dos Panteras Negras*. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 359-364, jan./jun. 2015.

CHIMIESKI, Taina Guerra; QUADRADO, Raquel Pereira Quadrado. *Shuri, Okoye, Nakia, Ramonda e as Dora Milaje*. Representatividade e Feminismos no Filme Pantera Negra. Senacorpus, 2018, Rio Grande. Anais, 2018.

CHINEN, Nobu. *A religiosidade afro-brasileira nos quadrinhos*. Identidade! São Leopoldo, v.18, n. 1, p. 39-54 | jan.-jun. 2013.

COSTA, Ariane Couto. *Sobre ilustrações e negros: a importância de ser representado*. [S.I.], 2 maio 2018. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sobre-ilustracoes-e-negros-importancia-de-ser-representado/>>. Acesso em: 28 maio 20.

COSTA, J. F. (1983). Prefácio. In N. S. Souza, *Tornar-se negro* (2a ed.). Rio de Janeiro: Graal.

COUTO, Mia. *Pensatempus*; textos de opinião. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

DOLORES, Bruna. *Pantera Negra* | Guia de personagens que você conhecerá nos cinemas. [S.I.], 13 fev. 2018. Disponível em: <<https://poltronanerd.com.br/filmes/pantera-negra-guia-de-personagens-65894>>. Acesso em: 6 maio 2020.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978, v. 1.

FERREIRA, R. F. (2002). *O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afrodescendente*. *Psicologia e Sociedade*, 14(1), 68-86.

FILIPPE, Marina. *Pessoa com deficiência, negra e mais diversidade na linha da Barbie*. São Paulo, 30 jan. 20. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/marketing/pessoa-com-deficiencia-negra-e-mais-diversidade-na-nova-linha-de-barbie/>>. Acesso em: 7 maio 20.

ES, Elio Chaves; AMORIM, Alessandro Amorim. *Protagonismo negro numa perspectiva afrocentrada*. *Revista Brasileira do Caribe*, São Luis, Vol. XI, nº22. Jan-Jun 2011, p. 59-78.

FRANK, Priscilla. *Realismo mágico, história da África e ficção científica: conheça o Afrofuturismo*. [S.I.], 26 maio 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/realismo-magico-historia-da-africa-e-ficcao-cientifica-conheca-o-afrofuturismo/#ixzz4F6zLBVTE>> Acesso em: 5 jun. 20.

FREITAS, Marciana. *Pantera Negra e a questão da representatividade*. [S.I.], 20. Fev. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/pantera-negra-e-a-questao-da-representatividade/?gclid=EAIaIQobChMIgVOnwrnX6QIVwoORCh1mxg63EAAYASAAEgJsLPD_BwE> Acesso em: 5 maio 20

FRUCTUOSO, Lígia M.L.; AMARAL, Sérgio T. *África: o despertar de um continente*. In: ETIC – ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, n.05, 2009, Presidente Prudente. Anais. Presidente Prudente: Faculdades Integradas Antônio Eufrásio de Toledo, 2009.

FUNKO Pop Black Panther – Shuri 276 -Pop Original. Disponível em: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1007652079-funko-pop-black-panther-shuri-276-pop-original-_JM>. Acesso em: 7 maio 2020.

FURTADO, Renato. *Pantera Negra: especialista em dialetos fala sobre os sotaques do filme*. [S.I.], 27 fev. 18. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-138233/>>. Acesso em: 17 jun. 20.

GIZ tons de pele- 12 cores: Amora Bonecas. Disponível em: <<https://www.amorabonecas.com.br/produto/giz-tons-de-pele-12-cores/>>. Acesso em: 7 maio 2020.

- GOMES, Eunice Simões Lins; SILVA, Leyla Thays Brito da. *Uma análise mítica sobre as lendas nos livros didáticos*. Projeto de Apoio à formação do professor de ensino religioso – Prolicen, 2011. Disponível em: <http://gepai.yolasite.com/resources/PROLICEN_2011_-_EUNICE-DCR.pdf>. Acesso em: 4 jun. 20.
- GONZALEZ, Lélia. *Racismo e Sexismo na cultura brasileira*. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.
- GOUVÊA, Josiane Barbosa. *O que há por trás do discurso da harmonia racial no país da miscigenação*. Farol - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. Belo Horizonte, v. 4, n. 10, p. 915-955. ago. 2017.
- GUERRA, Fábio Vieira. *Realezas entre o Bem e o Mal: As Representações de Monarcas nas Páginas da Marvel Comics*. História, histórias. Brasília, vol. 4, n. 7, 2016.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HOOKS, Bell. *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*. Revista Brasileira de Ciência Política. Nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210.
- KABRAL, Fabio. *[Afrofuturismo] O futuro é negro o passado e o presente também*. [S.I.], 29 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/afrofuturismo-o-futuro-e-negro-o-passado-e-o-presente-tambem/>> Acesso em: 5 jun. 20.
- KILOMBA, Grada. *Memórias de Plantação*. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.
- LEITE, Maria Jorge dos Santos. *Tráfico Atlântico, Escravidão e Resistência no Brasil*. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano X, Nº XIX, agosto/2017
- LIMA, Sávio Queiroz. *Garra de Pantera: os negros nos quadrinhos de super-herói dos EUA*. *Identidade!* São Leopoldo, Volume 18, nº 1, p. 90-102 | jan.-jun. 2013.
- LOPES, Romildo Sérgio. *Minorias Raciais X Maiorias Excluídas: O papel do negro - as representações sociais de raça nas histórias em quadrinhos*. 1ªs Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo - 23 a 26 de agosto de 2011.
- LOPES, Romildo Sergio. *Representação da identidade negra nas histórias em quadrinhos*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto - MG – 28 a 30/06/2012.
- MARCÍLIO, Ana. *Bonecas negras para brincar e ajudar na formação da identidade das crianças*. [S.I.], 16 maio 2019. Disponível em: <<https://www.fasdapsicanalise.com.br/bonecas-negras-para-brincar-e-ajudar-na-formacao-da-identidade-das-criancas/>>. Acesso em: 7 maio 20.
- MATTOS, Miriam de Cássia do Carmo Mascarenhas. *A diversidade cultural presente nos estoques informacionais das escolas públicas de Santa Catarina: um estudo sobre a implementação da lei federal nº 10.639/03*. Itajaí: UDESC; Casa Aberta, 2008.
- MIRANDA, Beatriz; OLIVEIRS, Otoniel Lopes de. *Protagonismo Feminino nos Quadrinhos: Representação, feminismo e super-heróis*. 4ªs Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. 22 a 25 de agosto de 2017, Escola de Comunicações e Artes da USP.

- MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade: Novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- MORELLI, Thaís. *As diferenças e semelhanças entre o Candomblé e a Umbanda*. [S.I.], 15 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.almapreta.com/editorias/realidade/as-diferencas-e-semelhancas-entre-o-candomble-e-a-umbanda>>. Acesso em 4 jun. 20.
- MUNANGA, Kabengele. *Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje?* Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.
- PANTERA Negra é filme de super-heróis com elenco principal 100% negro. G1, 2018. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/02/pantera-negra-e-filme-de-super-herois-com-elenco-principal-100-negro.html>>. Acesso em: 14 abr. 20.
- PINTO, R. P. (1987). *A representação do negro em livros didáticos de leitura*. Cadernos de Pesquisa, 63, 88-92.
- QUINTAS, Francisco. *Conheça Okoye, a grande guerreira de Wakanda!*: Aficionados. [S.I.], 4 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.aficionados.com.br/okoye-marvel/>>. Acesso em: 6 maio 2020.
- RAFAEL, Lucas. *Pantera Negra: Diretor fala sobre cena envolvendo Nakia que ele gostaria de ter filmado!* [S.I.] 2018. Disponível em: <<https://www.legiaodosherois.com.br/2018/pantera-negra-diretor-fala-sobre-cena-envolvendo-nakia-que-ele-gostaria-de-ter-filmado.html>>. Acesso em: 6 maio 2020.
- REIS, Ana. *Marvel irá lançar livro de Shuri, de “Pantera Negra”, ano que vem!* [S.I.], 4 set. 2019. Disponível em: <<https://www.papelpop.com/2019/09/marvel-ira-lancar-livro-da-shuri-de-pantera-negra-ano-que-vem/>>. Acesso em: 6 mai. 2020.
- RONCOLATO, Murilo. *Mais que um super-herói negro: motivos que tornam ‘Pantera Negra’ um marco*. [S.I.], 15 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/20/Mais-que-um-super-her%C3%B3i-negro-motivos-que-tornam-%E2%80%98Pantera-Negra%E2%80%99-um-marco>> Acesso em 4 mar. 20.
- SANTOS, Alenilson dos; SANTANA, André Luís de. *WAKANDA e a Democracia Consensual: análise da aplicação do modelo segundo as ações de seus líderes políticos*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Juazeiro – BA – 5 a 7/7/2018.
- SANTOS, Wellington Oliveira dos. *Identidade negra, relações étnico-raciais na diáspora e o filme Pantera Negra: para uma discussão educacional*. REU, Sorocaba, SP, v. 44, n. 1, p. 69 – 89, jun. 2018.
- SILVA, Erick Jonathan Luiz da; NASCIMENTO, Lorryne Bárbara Ferreira do; ALMEIDA, Yuri Nery Cordeiro de. *Pantera Negra: A construção de identidades através da diegese do filme comercial*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Juazeiro – BA – 5 a 7/7/2018.
- SILVA, Helder Kuiawinski da. *A Cultura Afro como Norteadora da Cultura Brasileira*. PERSPECTIVA, Erechim. v. 38, n.144, p. 25-35, dezembro/2014
- SILVA, Ruben Marcelino Bento da. *A didática lúdica de Exu: uma aproximação à exuberância da cultura afro-brasileira conforme retratada no álbum em quadrinhos “AfroHQ”*. Identidade! São Leopoldo, Volume 18, nº 1, p. 55-66, jan.-jun. 2013.

SILVA, Wagner Machado da. *Cidadania e Equidade: A importância e os Reflexos do Filme Pantera Negra na Representatividade do Negro*. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018, em Cascavel, no Paraná.

TOMÉ, Bruno. *Um dos times do Capitão América: Guerra Civil foi praticamente dizimado no MCU*. [S.I.], 6 set. 2019. Disponível em: <<https://observatoriodocinema.uol.com.br/filmes/2019/09/um-dos-times-de-capitao-america-guerra-civil-foi-praticamente-dizimado-no-mcu>>. Acesso em 10 out.19

VALENTE, A. L. E. F. (1995). *Proposta metodológica de combate ao racismo nas escolas*. Cadernos de Pesquisa, 93, 40-50.

VASCONCELOS, Wesley Guilherme Idelfoncio de; SOUSA, Daywson Adler Freires de; SALMIITO, Ricardo Rigaud. *Muito Além De Wakanda: um estudo acerca dos aspectos cultural e identitário no filme Pantera Negra*. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*. V. 05, ed. especial, mai., 2019, artigo nº 1608.

VICENTINI, Rodolfo. *Atrizes de “Pantera Negra” explicam como Wakanda respeita as mulheres*. São Paulo, 29 nov. 2018. Disponível em :<<https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2018/11/29/atrizes-de-pantera-negra-explicam-como-wakanda-respeita-as-mulheres.htm>>. Acesso em 17 jun. 20.

VILLA, Isabela. *Saiba quem são as guerreiras que roubam a cena em “Pantera Negra”*. [S.I.], 30 jan. 2018. Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/cultura/saiba-quem-sao-as-guerreiras-que-roubam-a-cena-em-pantera-negra/>>. Acesso em: 6 mai. 2020.

WENA, Matheus Gomes; CURI, Pedro Peixoto. *Pantera Negra: empoderamento e ressignificação do mito do super-herói*. *Iniciacom*. Revista Brasileira De Iniciação Científica em Comunicação Social, v. 7, p. 1-9, 2018.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. *Os Negros nas Histórias em Quadrinhos de Super-Heróis Blacks in Superhero Comics*. *Identidade!* São Leopoldo, Volume 18, nº 1, p. 67-89, jan.-jun. 2013.

WESCHENFELDER, Viviane Inês. *Modos de Re(Existir), de (Res)Sentir*. Mulheres negras e relações raciais na educação. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

WOOD, Adrian; RAJGURU Nutan. *O Partido dos Panteras Negras pela Autodefesa*. [S.I.], 25 nov. 08. Disponível em: <<https://projetoaetheia.files.wordpress.com/2014/08/partido-panteras-negras-pela-auto-defesa.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 20.